



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Entre a fuga e a origem: a estraneidade em *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende

Between the fugue and the origin: strangeness in *Quarenta dias*, by Maria Valéria Rezende

Sarah Catão de Lucena¹

Resumo: Este artigo analisa a representação da experiência de estraneidade no romance *Quarenta Dias* (2014), de Maria Valéria Rezende. Trabalhando com o conceito de estrangeiro fornecido por Julia Kristeva em *Estrangeiros para Nós Mesmos* (1994), argumento que o romance de Rezende denuncia a condição de estraneidade dos nordestinos quando em deslocamento para o Sul do Brasil. Analiso como a protagonista Alice passa por uma experiência de desterritorialização identitária que ocorre por causa da sua origem nordestina quando é obrigada a deixar João Pessoa e se muda para Porto Alegre. Tal experiência não só não corresponde à definição jurídica de estrangeiro, mas **também** questiona os seus limites ao mostrar que a ideia de identidade nacional extrapola conceitos oficializados na teoria quando a experiência coletiva regional se impõe à nacional. Com isso, o romance de Maria Valéria Rezende põe em xeque noções de pertencimento nacional, identidade brasileira e o próprio conceito de estrangeiro e cidadão nacional.

Palavras-chave: identidade nordestina; estraneidade; desterritorialização; Nordeste; Maria Valéria Rezende.

Abstract: This paper analyzes the representation of the experience of strangeness in Maria Valéria Rezende's novel *Quarenta Dias* (2014). Based on the concept of foreigner presented in Julia Kristeva's *Strangers to Ourselves* (1991), I argue that Rezende's novel denounces the condition of strangeness experienced by Brazilian Northeasterners when in transit to the South of Brazil. I analyze how the protagonist Alice undergoes an experience of a displaced identity due to her Northeastern origin when she forcefully leaves João Pessoa towards Porto Alegre. Alice's experience not only is not consistent with legal definitions of foreignness, but also questions its limits by showing that the idea behind national identity exceeds theoretical concepts when the regional collective experience imposes itself upon the national one. As a result, Maria Valéria Rezende questions notions of national belonging, Brazilian identity, as well as the concept of foreigner and national citizen.

Keywords: Northeastern identity; strangeness; displacement; Northeast; Maria Valéria Rezende.

¹ Professora de português e espanhol, línguas e culturas, no Department of Spanish & Portuguese, em Georgetown University. É doutora em Romance Languages pela University of Georgia e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Os primeiros anos desta nova era iniciada em 2020 têm anunciado mudanças não só no que diz respeito a dinâmicas sociais, com suas regras de distanciamento, de incorporação de máscaras como acessório de vestimenta diário e do novo escritório e sala de aula, agora em casa. Têm também revelado mudanças da ordem da recepção cultural. Uma profusão de artistas – romancistas, poetas – originários do Nordeste vêm sendo aclamados pela crítica, recebidos e consumidos cada vez mais pelo público, tornando possível a esses agentes a ocupação simbólica de um espaço historicamente almejado pelos nordestinos². Eles têm em comum não só o fato de serem do Nordeste, mas também de estarem sendo publicados por grandes editoras, recebendo prêmios de alto reconhecimento nacional e internacional, difundindo, todos, uma densidade poética revelada pela dicção própria com que tratam, sob diferentes veredas, de um dos grandes temas do Nordeste: a origem.

É dentro deste universo simbólico que se encontra o romance *Quarenta Dias*, publicado em 2014 pela paulista-paraibana³ Maria Valéria Rezende, romancista contemporânea dona de uma vasta obra⁴. Tal como os seus pares, *Quarenta Dias* é uma obra igualmente traduzida e premiada, tendo recebido o primeiro lugar do Prêmio Jabuti de Melhor Romance no ano de 2015, um ano após a sua publicação. Narrado em primeira pessoa por Alice, uma ex-professora de

² Escritores como Cida Pedrosa, Micheline Verunschik, Adelaide Ivánova, Rodrigo Lobo Damasceno, além dos da chamada “novíssima literatura cearense”, como Socorro Acioli, Tércia Montenegro, Mailson Furtado, Jarid Arraes, Stênio Gardel, Natércia Pontes são alguns exemplos de artistas nordestinos em destaque hoje (NETO, 2021, s.p.).

³ Em 2017, a escritora recebe o título de cidadã paraibana. Sobre a influência da Paraíba na sua escrita, explica: “Eu só não nasci aqui por acaso. A Valéria nasceu em Santos, mas a Maria Valéria Rezende, escritora, nasceu aqui na Paraíba. Se eu não tivesse vindo viver aqui, com esse ambiente social e cultural, talvez eu não tivesse sido estimulada e motivada a fazer literatura” (MOURA, 2017, s.p.). No mesmo ano, em entrevista à revista *Malembe*, Rezende afirma ser paulista, “mas a minha literatura é paraibana” (MALEMBE, 2017, s.p.).

⁴ Antes de *Quarenta Dias* (2014), publica seu primeiro romance *O Voo da Guará Vermelha* (2005). Publicou ainda *Outros Cantos* (2016) e *Carta à Rainha Louca* (2019). Possui uma vasta obra também entre contos, crônicas e infanto-juvenil. A leitura das suas obras deixa claro o protagonismo do Nordeste na sua escrita.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

francês aposentada que mora em João Pessoa, *Quarenta Dias* repete um dos motes que tem se mostrado presentes na criação literária de Rezende: o protagonismo feminino-nordestino narrador da sua própria trama, que escreve e se inscreve no texto a partir do seu ponto de vista e do seu lugar no mundo. Desta maneira, vemos no romance da escritora a origem como centro organizador da narrativa.

O drama central de *Quarenta Dias* se inicia quando Norinha, a filha única de Alice que faz doutorado em Porto Alegre, impõe à mãe que se mude para o Rio Grande do Sul para que a filha possa engravidar contando com a presença de Alice para ajudá-la: “Em resumo, o certo pra ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó” (REZENDE, 2014, p.26). Mas a narradora nunca havia saído da sua terra na Paraíba nem pretendia migrar para o Sul em nenhum momento. Permanecer em João Pessoa na idade madura significava colher os frutos de uma vida que lhe custara a conquistar. A mudança para Alice, portanto, tem a força de um golpe, pois a obriga ao abandono de maneira involuntária da sua própria vida.

A partir daí, inicia-se para Alice uma experiência de estraneidade dentro de seu próprio país, por causa de sua travessia regional. Se, como afirma Julia Kristeva (1994, p.45), o estrangeiro designa-se como “aquele que não tem a cidadania do país em que habita”, como entender a estraneidade causada pela falta de pertencimento por que passa Alice ao deixar João Pessoa para Porto Alegre, mesmo que compartilhe da mesma cidadania com os brasileiros do Sul?

Neste artigo, partindo do conceito de estrangeiro de Julia Kristeva, analiso a experiência de deslocamento do Nordeste para o Sul do Brasil feito pela personagem Alice no romance de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Maria Valéria Rezende. Argumento que Rezende afirma a condição de estraneidade dos nordestinos em deslocamento a partir da experiência de Alice enquanto uma mulher nordestina transitando pelo Brasil. Com isso, *Quarenta Dias* coloca em xeque noções de pertencimento nacional, identidade brasileira e do próprio conceito de estrangeiro e de cidadão nacional.

O romance de Maria Valéria Rezende tem sido estudado a partir do consumo (BEZERRA 2020); da identidade feminino-nordestina (LUCENA 2019); da inscrição do corpo feminino no espaço urbano (RESENDE E DAVID 2016; VEDOVATTE 2018); da memória e espaço urbano (HERMES E PORTO 2017); do deslocamento (SANT'ANNA 2016, 2017; STOLL 2019); da velhice (NEVES E MELO 2018; MORAES 2017); e do sertão (SANTINI 2018). Como aponto em LUCENA (2019, p.30), “ainda que a sua narrativa trate do espaço nordestino e que seus romances tragam o protagonismo de mulheres que falam a partir da sua experiência feminino-nordestina e da sua perspectiva de mundo [...] os estudos críticos sobre o trabalho de Rezende de forma geral não têm atentado para estes elementos na sua obra”. Desta forma, o presente artigo expande a fortuna crítica sobre *Quarenta Dias* com uma análise sobre a representação da migrante nordestina na literatura brasileira contemporânea, concentrando-se na experiência de desterritorialização identitária pela qual Alice passa como resultado da sua origem em deslocamento entre diferentes regiões brasileiras.

1 Tristes estradas

No seu célebre *Estrangeiros para Nós Mesmos*, Julia Kristeva (1994, p.9) passeia pelas imagens que a figura do estrangeiro carregou ao longo da história ocidental para tentar responder à seguinte dúvida: “O ‘estrangeiro’, que foi o ‘inimigo’ nas sociedades primitivas, pode



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

desaparecer nas sociedades modernas” de forma a coabitar em sociedade de maneira harmônica, sem ver anuladas as suas marcas de alteridade? Desde imagens como a do “anjo negro turvando a transparência” ao do sujeito que se transforma em “espaço que arruína a nossa morada”, o estrangeiro ora foi visto como elemento a ser eliminado, ora sob a possibilidade de ser aderido e aceito por sociedades descritas por Kristeva como pré-burguesas e pré-nacionalistas, orientadas à luz de variadas concepções morais e religiosas em que o estrangeiro podia construir seu pertencimento à condição de se aderir ao núcleo social predominante. Hoje, o “individualismo particularista e intransigente do homem moderno” (KRISTEVA, 1994, p.10), que se manifesta dentro de uma escala de integração geográfica, cultural, política e econômica a nível planetário, abre uma fenda violenta que permite, por exemplo, manifestações xenofóbicas, anulação de identidades consideradas diferentes, em suma, a normalização da figura do estrangeiro a partir da imagem do ódio e do fardo. Portanto, como resolver a questão entre a celebração do individualismo extremo como manifestação da identidade e o encontro cada vez mais veloz entre sujeitos de origens diferentes, cujo contato é caracterizado mais pela estranheza do que pela transcendência das diferenças?

KRISTEVA (1994) segue pelo seu passeio até chegar a uma compreensão moderna do que significa ser estrangeiro, isto é, ser um sujeito em condição de estraneidade. Segundo a autora, os regimes jurídicos de direito de nacionalidade estão baseados no *jus solis*, de acordo com o território em que se nasce; e o *jus sanguinis*, a partir da filiação sanguínea paterna ou materna. Com base nestes dois princípios, o conceito de estrangeiro modernamente se define então pelo que não é: “Aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade” (KRISTEVA, 1994, p.101). O problema se coloca quando a definição



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

jurídica não corresponde à vivência de fato, isto é, quando a condição de estrangeiro pode ser vista como uma prática perpetrada contra o outro independentemente de seu estatuto jurídico. Este é o caso argumentado neste artigo a partir da personagem Alice no romance *Quarenta Dias*, que vive a condição de estrangeira de maneira subjetiva enquanto nordestina no Sul do país, mesmo que objetivamente mantenha seus direitos jurídicos advindos da sua nacionalidade brasileira.

Como o nordestino passa à condição de estrangeiro em seu país se origina também do impacto que causou em território nacional o encontro entre comunidades tão diferentes com o avanço da corrente migratória do Nordeste até o Sul, em meados do século XX, o que levou a pesquisa de Adriana Fátima Barbosa Araújo (2006, p.13) a afirmar que “estamos acostumados a ver o/a nordestino/a como figura fadada a um destino de migração”. Tal evento se desenrola como resposta a um contexto de pobreza decorrente não só dos períodos de seca que passam a maltratar o Nordeste ainda no século XIX, mas também do descaso do Estado em relação à região diante do declínio na economia da cana-de-açúcar paralelamente à ascensão da indústria cafeeira no Sul e Sudeste. Diante do impulso de sobrevivência, o migrante nordestino “segue para o sul como tantos outros antes e depois dele, expulso de suas origens” (ARAÚJO, 2006, p.13), passando a ser definido aos olhos dos outros como um tipo regional subalterno dentro da hierarquia social.

Usando a década de 1930 como marco da migração expressiva entre Nordeste-Sul, Monia de Melo Ferrari (2005) diz que este momento corresponde a um período em que o número de migrantes locais que chega a São Paulo supera o de migrantes de nacionalidades não brasileiras que vão para a cidade na mesma época, ambos atraídos pela promessa de bem-estar concentradas



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

na capital paulistana. Já como mostra Tiago da Silva Coelho (2012), limitados pela instituição da Lei de Cotas para a Imigração, de 1934, os estrangeiros se deslocam em menor número para o Brasil, circunstância que estimula a migração regional como forma de angariar trabalhadores em demanda pela incipiente indústria brasileira. Assim, os migrantes nordestinos são vistos sob dois ângulos: em alguns momentos, como benéficos por sustentar estruturalmente o desenvolvimento da economia industrial sulista; em outros, como símbolo de atraso e precariedade pelas condições em que chegam ao destino, causando um choque de culturas entre a população urbana e os nordestinos que vêm de áreas desfavorecidas (cf. COELHO, 2012, p.25).

Segundo KRISTEVA (1994, p.101), é esta diferença entre benéfico e maléfico fundada a partir de relações de poder desiguais que determina a condição de estrangeiro: “O grupo do qual o estrangeiro não faz parte deve ser um grupo social estruturado em torno de um certo tipo de poder político” que tem o poder também de assimilar ou rejeitar o outro. No caso dos nordestinos, a experiência de encontro com o Sul-Sudeste acontece dentro deste pêndulo desigual de poder político entre regiões, quando também “muitas imagens dos retirantes nordestinos são disseminadas na sociedade através da propaganda e da mídia, contribuindo para a concepção de retirante e de migrante que a sociedade cristalizou como realidade”, comenta Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011, p.25).⁵

⁵ Mas, como mostrado em LUCENA (2019, p.201) a conotação negativa deste encontro aparece desde o século XIX, “a partir do paradigma naturalista que distancia Norte e Sul por razões raciais e ambientais”. Raimundo Nina Rodrigues (2010, p.16) fala de uma “oposição futura” percebida entre “uma nação branca, forte e poderosa” que vinha se formando nos estados do Sul em contraste com “os estados do Norte, mestiços, vegetando na turbulência estéril de uma inteligência viva e pronta, mas associada à mais decidida inércia e indolência, ao desânimo e por vezes à subserviência”. Já Oliveira Vianna (1924, s.p.) vê São Paulo como o “local de uma aristocracia moral e psicologicamente superior”, enquanto os estados nordestinos eram descritos como “as camadas plebéias, mestiças, profusa mistura de sangue barbaros”. LUCENA (2019, p.201) afirma ainda que “o paradigma naturalista se estabelece e se atualiza no tempo, repercutindo no século XX por meio da visão dicotômica entre Nordeste e Sudeste



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Paralelamente a este discurso externo que vai se construindo, internamente artistas e intelectuais passam a criar uma mentalidade sobre o Nordeste com o intuito de celebrar uma suposta identidade regional. É assim que se forma o chamado romance de 1930, rótulo utilizado para agrupar obras de romancistas vinculados a uma região ou um estado, especialmente a produção vinda do Nordeste e do Sul do Brasil, e cujas características expressariam a “prosa brasileira nascida do encontro com suas paisagens, seus costumes e suas paixões” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.108).

Romancistas como José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rêgo são considerados os representantes canônicos da literatura regional de trinta vinculada ao Nordeste. Dentre os temas que caracterizam a prosa regionalista da época, Albuquerque Jr. (2011, p.121) cita, junto com a decadência da sociedade açucareira, o cangaço, o beatismo e a seca, a “despedida dolorosa da terra” seguida da “fuga para a detestada zona da cana ou para o Sul”. A instituição destas imagens para representar o nordestino que se desloca permanece, assim, marcada pelos signos da evasão e do sofrimento, “uma visibilidade da região à qual a produção cultural subsequente não consegue fugir” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.121). Ainda, o Sul na diáspora nordestina aparece como uma “miragem de melhoria de vida, de fim da miséria”, do local cuja potência transformará o nordestino alienado em operário do futuro (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.199). É uma imagem que, ao inferiorizar o migrante nordestino, enaltece a identidade do Sul “como a área responsável por levar adiante o desenvolvimento

presente em trabalhos de Roger Bastide e Fernand Braudel, por exemplo, que revelam a formação do olhar estrangeiro sobre o problema.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

capitalista do país”, resultando na boa aceitação das narrativas sobre o fluxo migratório interno nordestino (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.199).

Dentro deste repertório de imagens, ARAÚJO (2006) organiza a prosa em fluxo da migração nordestina em três momentos. O primeiro, a saída do ponto de vista da origem, com narrativas que se concentram na partida ou no trajeto. Daí fariam parte os romances *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Morte e Vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto; e *Essa Terra* (1976), de Antônio Torres. É um momento, também, que retrata não só o problema da migração em sua origem, mas “a personagem é tratada como retirante e o ambiente é sempre o do sertão” (ARAÚJO, 2006, p.32).

O segundo momento aborda o deslocamento dos nordestinos já situados no local de destino. O foco não está mais posicionado no trânsito migratório, mas sim nas experiências das personagens enquanto sujeitos desterrados em geral, e particularmente como nordestinos deslocados que buscam fazer parte das grandes cidades do Sul/Sudeste do país. Aqui se encontram romances como *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector, e *As Mulheres de Tijucoapo* (1984), de Marilene Felinto. Neles, ARAÚJO (2006, p.179) comenta como a narrativa se converte no espaço “onde é possível que a narradora construa suas ilusões consoladoras”.

Por fim, o último momento que caracteriza a experiência migratória nordestina estaria representado pelo romance *O Cachorro e o Lobo* (1997), também de Antônio Torres. É o momento do retorno do migrante à sua terra, caracterizado pela harmonia entre o reencontro do passado nordestino com o presente de uma “vida assentada de classe média” (ARAÚJO, 2006, p.180) no Sul do país. É também uma narrativa cujo discurso refletiria a adaptação com sucesso



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

do migrante nordestino, mesclando marcas da cultura regional com elementos associados ao não-regional. Por outro lado, ARAÚJO (2006) mostra que existe nesta aparente conversão do retirante a sujeito pertencente ao espaço para onde migra uma crítica à modernidade como traição e armadilha, pois é um processo que continua a favorecer poucos em detrimento de muitos. Assim, as “tristes estradas” (ARAÚJO, 2006, p.181) continuam a ser a alternativa de deslocamento para o migrante do Nordeste, revelando que o ir e vir é uma condição perene do deslocado.

2 Mulher a caminho

Com a publicação de *Quarenta Dias*, passamos a ver a um só tempo o encontro dos diferentes momentos da diáspora nordestina caracterizados por ARAÚJO (2006). Alice problematiza, no seu relato, tanto a experiência da partida da terra de origem até a chegada ao destino. A narrativa do romance combina, assim, os pontos de vista da saída, do trânsito e da chegada a Porto Alegre, lugar para onde Alice vai deixando para trás, a contragosto, sua terra-natal João Pessoa.

Chegando a Porto Alegre, automaticamente Alice passa a ser marcada como um outro, elemento estranho não-pertencente ao grupo predominante. Enquanto em João Pessoa sua dicção, seu aspecto físico, suas referências cotidianas – como a sua casa, a praia no Atlântico, as ruas de João Pessoa – fazem parte de um conjunto, estas mesmas características de pertença ganham contraste com a mobilidade, transformando Alice em “uma boca a mais, uma palavra incompreensível, um comportamento incomum” destoante do padrão, uma estranha ao fundo de uma fotografia (KRISTEVA, 1994, p.13). Pouco a pouco a narradora percebe sua identidade



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

oscilar abalada pelo desterro causado pela viagem ao Sul: “Enquanto ali se desmontavam minha cabeça, minha casa, minha vida, cá no Sul Norinha montava, à maneira dela, ao gosto dela, o que eu havia de ter e ser no futuro próximo” (REZENDE, 2014, p.37).

A tensão do (des)pertencimento aparece mesmo antes da viagem, presente nos pontos de vista dissonantes entre Alice e sua família quanto à imagem do Nordeste em contraste com o Sul. Norinha e a prima Elizete, por exemplo, representam uma perspectiva tradicional do Nordeste que inferioriza a região por razões econômicas, culturais e históricas. A descrição de Elizete é exemplar de um certo deslumbramento ainda vivo na memória coletiva das relações entre as regiões:

... a doida da Elizete, tão boa que é, mas sem nenhum juízo, deslumbrada com qualquer coisa que não esteja ao alcance dela, metendo-se toda semana em algum salão de beleza sem marcar hora, bem no sábado, quando está lotado e tem de esperar muito tempo, e só diz que está tarde demais e vai desistir quando já leu, de graça, todas aquelas revistas de celebridades internacionais, nacionais e municipais, sempre sonhando com o Sul: Tão mais desenvolvido, Alice, uma gente chique, bonita, sabida, você ia era se dar bem, lá! E eu ia lhe visitar sempre que pudesse. (REZENDE, 2014, p.33)

A narradora é crítica de tal posicionamento quanto ao Sul, embora se cale sobre o que pensa por opção ou por falta de acolhimento: “Essa peitica ia me dando uma gastura!, eu, calada e quieta, só ouvindo toda aquela leseira, aquilo parecendo uma cantoria de incelências na sentinela da minha antiga vida, pra todos eles já defunta” (REZENDE, 2014, p.34). A mentalidade que via em Porto Alegre a ideia de futuro por excelência é percebida por Alice como uma “latomia sem fim” (REZENDE, 2014, p.33). Para seu desespero, até suas roupas são indecentes para serem levadas para Porto Alegre: “Aqui ainda vai que você use esses trapos, mas lá no Sul, de jeito nenhum!”, afirma Norinha (REZENDE, 2014, p.37). As belezas do Sul se



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

contrastam aos “galhos do cajueiro torto” debaixo do qual Alice se esconde antes de ter que partir (REZENDE, 2014, p.38).

A partir do momento de sua partida, Alice elabora a sua perda de referência identitária ao descrever uma sensação de incompatibilidade que a atinge desde a espera no aeroporto, com suas cadeiras “feitas pra gente de outro tamanho e feitio, que se eu apoiasse as costas meus pés ficavam balançando bem acima do chão, como se eu estivesse encolhendo” (REZENDE, 2014, p.39). A sensação de encolhimento aumenta à medida que se aproxima da nova casa em Porto Alegre: “Fui acordar em Porto Alegre, pelas onze e meia da noite, com uma aeromoça cutucando meu ombro [...] Alice encolhidinha. Aquele sono todo, eu sei, era minha recusa a chegar” (REZENDE, 2014, p.39). Do aeroporto até a chegada em casa, o percurso é de silêncio, com Alice sentindo-se em vias de desaparecer: “Quando Umberto embicou o carro num portão, diante de um prédio qualquer daquela cidade nenhuma, acionou um controle remoto e entrou, parando ao lado de uma guarita, encolhi-me ainda mais, Alice diminuindo, diminuindo, no meu canto do banco de trás, de onde fui quase arrancada por Norinha” (REZENDE, 2014, p.40).

Visto como frio e impessoal, o apartamento novo em Porto Alegre desmembra ainda mais o núcleo interior de Alice, que não consegue se referir ao espaço como a sua casa por conta do seu “cenário emergente de televisão” ou ainda por ser um “‘showroom’ de móveis modernos”, mas especialmente por não conterem a presença da ancestralidade de Alice carregada pelos móveis de sua casa original, como a cadeira de balanço de palhinha gasta e almofada de ponto de cruz, que pertencera à avó, ou seus velhos lençóis de casamento, “meio puídos mas limpíssimos” (REZENDE, 2014, p.41, 23, 20).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

A dicção é outro marcador que põe em relevo a experiência de não pertencimento de Alice em Porto Alegre. Em momentos da narrativa, são utilizadas organizações frasais e um léxico regional que localizam a sua origem: “não podia mesmo trazer meus teréns todos”, “essa peitica ia me dando uma gastura”, “estas páginas, até agora, e já são muitas, foram só o aquecimento, visse?”, unidas a interjeições regionais como “eita”, “ave” e “vixe” (REZENDE, 2014, p.8, 34, 55). A linguagem produz efeito paradoxal em Porto Alegre: enquanto preserva em Alice o senso de pertencimento a um lugar bem longe dali, a coloca sempre distanciada do novo destino:

Tentei ler o nome no crachá, com meus óculos de ver de longe, mas não entendi, ... como é seu nome, por favor?, me chama de Jerônimo, como todo o mundo aqui. No papel é Girolamo, em italiano, mas Jerônimo é a mesma coisa. Expliquei que precisava de uma diarista, devia haver muitas trabalhando no prédio, se podia me indicar uma delas... Perfeitamente. Aquela única palavra bastava pra marcar a diferença, o “meeen” se alongando, em tom ascendente, o “t” e o “e” pronunciados com precisão, saídos diretamente da carta do abecê, nunca que eu ia falar daquele jeito. (REZENDE, 2014, p.61)

Tanto a fala de Jerônimo quanto a de Umberto, esposo da filha, com suas expressões locais como “bah” ou “trilegal”, são vocabulários estrangeiros para Alice, que não entende bem “o que queriam dizer e pareciam servir pra qualquer coisa” (REZENDE, 2014, p.53). A linguagem também é utilizada pela filha Norinha como ferramenta de aproximação e afastamento da mãe: quando quer se mostrar mais próxima de Alice e influenciá-la a alguma decisão – por exemplo, a mudança para o Sul –, Norinha recorre a um palavreado paraibano. Quando deseja expressar discordância ou insatisfação, Norinha se afasta, mostrando seu aborrecimento através da linguagem: “O que me estarrecia era a pessoa inteiramente desconhecida, revelada pelas palavras agora ditas noutra língua, na qual nem se ouvia mais um



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

traço da fala paraibana, sua língua materna, fora o ‘Mãinha’ que ela deixou de usar logo depois do meu primeiro não”, relata Alice quando das negativas da mãe sobre se mudar para Porto Alegre (REZENDE, 2014, p.28). Importante também neste momento ressaltar o que BEZERRA (2020) comenta sobre o manuseio da linguagem por Rezende: Alice qualifica a sua fala como paraibana, e não como nordestina, “complexificando a noção construída de Nordeste, enfatizando a heterogeneidade da região”, ao mesmo tempo naturalizando a norma culta entremeada de uma sintaxe local paraibana para naturalizá-la “como aquilo que é: uma variedade do português brasileiro” (BEZERRA, 2020, p.123).

A aparência física é outra marca que põe em relevo o não pertencimento de Alice no Sul. Ainda no seio da própria família, seu físico é usado para inferiorizá-la quando posta lado a lado com marido Aldenor, de feição europeizada:

Tia Brites, com seu amargor de moça-velha inconformada, me enchendo a cabeça de dúvidas, Vê lá se um galalau bonito desses, louro, alto, de olho azul, filho de comerciante vai nada casar com você, matuta, pescoço curto, baixinha que mal chega no ombro dele!, perto dele você é quase preta, e ele vai achar outra bem mais conforme, lá na Universidade. (REZENDE, 2014, p.19)

Emblemático também é o encontro entre Alice e Sabina. Ao chegar em Porto Alegre, Alice vai em busca de uma diarista para ajudá-la com os cuidados da nova casa, e Sabina aparece em seu apartamento por indicação do porteiro: “Imediatamente ouvi bater à porta da cozinha, abri e dei com uma mulher alourada, bem mais nova, mais corpulenta e mais alta do que eu, que respondeu ao meu Boa-tarde com um resmungo, enquanto me olhava de cima a baixo” (REZENDE, 2014, p.61). Diante da imobilidade de Sabina, que não se comunica, a narradora explica as demandas da casa sem compreender a hesitação da moça, que se nega a aceitar o serviço. É o encontro por excelência do “nós” com o estrangeiro, nos termos de KRISTEVA



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

(1994). Aquele que é tão diferente de nós impressiona por sua singularidade: “Esses olhos, esses lábios, essas faces, essa pele diferente das outras o destacam e lembram que ali existe *alguém*”, consciência de uma diferença que, ainda que banal, cativa e repele, causa atração e ódio ao observador (KRISTEVA, 1994, p.11, grifo da autora).

Dias depois, o que julgara como mal-entendido se explica com a chegada de Milena, também por indicação do porteiro, que argumenta: “Essa sim, a senhora vai gostar demais e tenho certeza de que ela vai ter tempo e querer lhe servir, vão se dar bem, que ela é brasileirinha, assim como a senhora” (REZENDE, 2014, p.66). Ao entender que no Sul as nordestinas são chamadas de “brasileirinhas”, como uma categoria de gente diversa das gaúchas, Alice demonstra como ainda é predominante o não reconhecimento das identidades do Nordeste: “[Eu] querendo explicar que era Paraíba, nada a ver com Recife, Fortaleza, Bahia, Minas... mas foi inútil, Pois então, não é isso mesmo, de lá? ‘Lá’ parecia ser um vago território homogêneo que cobria tudo o que fica acima do Trópico de Capricórnio” (REZENDE, 2014, p.110). Sobre este ponto especificamente Lilia Schwarcz (2019) mostra como a não discriminação dos estados de origem dos nordestinos serve para tornar invisíveis práticas ainda vigentes que produzem hierarquia e discriminação contra esta população. Além de ser olhada “de cima a baixo” por cada pessoa com quem cruza pelas ruas e ao dizer de onde vem, Alice também precisa corrigir o seu lugar de origem, confundido com qualquer outro estado ou cidade do Nordeste: “É em João Pessoa, corrigia eu inutilmente”, ciente de que o “de lá” se transforma na referência à sua origem (REZENDE, 2014, p.116).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Após sofrer outro golpe da filha, que avisa a Alice, somente após sua chegada em Porto Alegre, que irá se mudar para a Europa temporariamente em algumas semanas, a nova casa ganha contornos trágicos: “Eu tentando me orientar na geografia deste apartamento, procurando pelo banheiro e desembocando na cozinha, depois num segundo quarto onde, horror!, dei com uma pirâmide de caixas de papelão fechadas, chegando quase até o teto” (REZENDE, 2014, p.47). Diante de uma casa incompreensível para Alice, com “poltronas e sofás brancos atulhados de terríveis almofadas de todos os tons entre o rosa-bebê e o rosa-quaresma, grandes cubos, paralelepípedos, prateleiras, tudo branco ou preto, por cima de um tapete felpudo”, a narradora se tranca em casa, tornando-se incomunicável e mal se movendo dentro do apartamento (REZENDE, 2014, p.40). A revolta toma a forma de uma reação quando Alice decide escapar para a rua, como se este fosse o único lugar onde coubesse sua revolta e sofrimento.

A partir da mudança de Alice para a rua, onde vive por quarenta dias, vemos a representação de duas reações listadas por KRISTEVA (1994) para exprimir a condição do estrangeiro ao se perceber anulado identitariamente no novo destino: a primeira reação, “Não me dão lugar, portanto preservo o meu lugar”, mostra o esforço de recriação da origem pelo estrangeiro; e a segunda, “Não pertenço a nada, a nenhuma lei, eu contorno a lei, eu mesmo faço a lei”, mostra o que KRISTEVA (1994, p.108) chama de uma nova forma de individualismo, postura que ignora as convenções coletivas por se perceber excluída delas. Assim, a saída de Alice para a rua exprime tanto o seu esforço de recriação de si enquanto mulher nordestina no Sul quanto o seu questionamento às expectativas em torno dela mesma, também a partir da sua identidade feminino-nordestina. Começa, então, o esforço da protagonista de reconstituir-se no



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Sul a partir da rua, o seu local de questionamento contra aqueles que mudaram a sua vida e de posterior ressignificação do seu trauma de deslocamento.

3 Entre a fuga e a origem

Como o desterritorializado forja o seu pertencimento? Como reelabora sua identidade fragmentada ou destruída e imagina novas raízes em um lugar onde não quer estar? Em outras palavras, como Alice ensaia um possível pertencimento a partir deste não-lugar entre a fuga e a origem, onde se sente a “habitante provisória”, “para sempre impermanente” (REZENDE, 2014, p.166)?

Enquanto mudar-se para Porto Alegre fora uma decisão imposta a Alice, ir morar na rua torna-se uma escolha sua ao se retirar do espaço fechado do ambiente doméstico e buscar na “invisibilidade defensiva” da rua uma maneira de expressar a desterritorialização física e subjetiva por que está passando: “Um rumo vago. Que eu seguiria se quisesse [...] Um alívio esquisito, uma distração, e eu quis, sim, sair por aí, à toa, por ruas que não conheço atrás do rastro borrado de alguém que nunca vi” (REZENDE, 2014, p.92). A respeito dos simbolismos do deslocamento, Zilá Bernd (2011) discute como a ideia de movimento está acompanhada da ideia de que o fixo e o permanente têm uma conotação negativa: “Parece que se privilegia, em uma era de natural globalização, tudo o que se move, se desloca e flui” (BERND, 2011, p.90). É como se



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

o espírito contemporâneo alimentasse uma euforia quanto ao deslocamento, tornando opostos o mover-se e o enraizar-se.

Buscando reconciliar tal binarismo, BERND (2011, p.90) propõe que o movimento e a imobilidade passem a ser vistos de maneira complementar, “passagens necessárias no processo de construção identitária”. Como etapas interdependentes da experiência de desterritorialização, o deslocamento (a saída) e a reterritorialização (após a chegada) são sugeridos por BERND (2011, p.90) como estratégia de recuperação do “território cultural perdido”. Alice, então, passa pelas etapas de que fala BERND (2011) na sua experiência de deslocada, primeiro se transferindo fisicamente para Porto Alegre e, com a chegada, desterritorializando-se: “Eu que sempre achei que tenho uma bússola na ponta do nariz, não conseguia me orientar nesta terra onde o sol está sempre pendendo pra algum lado impossível de identificar” (REZENDE, 2014, p.97). Alice também recorre à imobilidade e ao movimento como etapas de reterritorialização: ao chegar em Porto Alegre, ela primeiro se enclausura no novo apartamento, sem contato com a nova cidade como que para não se desvencilhar da Alice que pertence ao Nordeste, ou seja, a imobilidade como esforço de manutenção da sua identidade. Em seguida, Alice torna ao movimento também como tentativa de resgate de seu território cultural desmantelado pela casa e sua geografia não codificada: “Ganhei a rua e saí a esmo, querendo dar o fora dali o mais depressa possível, como se alguém me vigiasse ou me perseguisse, mas saí andando decidida, como se soubesse perfeitamente aonde ia, pisando duro, como nunca tinha pisado em parte alguma da minha antiga terra” (REZENDE, 2014, p.95).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Quando se muda para a rua, Alice se converte em uma nômade cujo trajeto é o meio pelo qual vai se reencontrar consigo mesma, carregando o simbolismo que BERND (2011, p.91) atribui ao percurso enquanto forma de acumular experiência sobre si “na medida em que um percurso nos leva sempre cada vez um pouco mais além, nos trazendo também de volta aos mesmos lugares”. Assim que deixa a casa, Alice começa a expurgar a dor contida, revelando um primeiro passo em direção à superação: “Pela primeira vez, desde que começou essa minha migração forçada, tive vontade de chorar e fiquei um bom tempo com a cara virada pra fora, fungando querendo esconder as lágrimas, fingindo que olhava pela janela, vendo vagamente passarem avenidas e prédios que não me diziam nada” (REZENDE, 2014, p.99). Nestes quarenta dias na rua, em que chama de dias de desgarramento, Alice experimenta “uma calma por dentro que havia muito não sentia, as falas, emoções e estranhezas do mundo maior me chamando pra fora e a minha própria amargura encolhendo-se num canto discreto” (REZENDE, 2014, p.120).

Parte da experiência de reterritorialização descrita por BERND (2011) é o movimento constante pelo efêmero, deixando rastros e realizando travessias que, muitas vezes, estão destinados a se apagar. Na jornada de Alice, a cada vez que parece ter chegado a um destino final, ela arquiteta formas de continuar sua andança sem rumo por lugares para onde não saberá voltar depois. O importante é continuar a se mover em direção a qualquer destino, mesmo que temporário e incerto: “Você nem imagina onde fui parar no fim daquele dia que nunca acabou de verdade até eu vir dar de volta nesta minha moradia postiça” (REZENDE, 2014, p.135).

Alice sai de uma realidade de sofrimento para um tempo etéreo na rua, “não mais marcado pelo compasso das horas, minutos, segundos, mas um fluxo quase contínuo,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

interrompido aqui ou ali por pesadelos ou pelo susto de me crer diante de portas definitivamente fechadas que em seguida revelavam novas frestas por onde me meter” (REZENDE, 2014, p.144). Nesta experiência que é também de reimaginação de sua identidade, a protagonista se sente como que “desfrutando aquela nova espécie de liberdade, o anonimato sem destino, uma andança sem pé nem cabeça, cada vez mais movida a pura ficção” (REZENDE, 2014, p.138).

Nas ruas, Alice se transforma em “uma inegável moradora de rua”, e naturalmente começa a interagir com seus semelhantes (REZENDE, 2014, p.195). Desse modo, torna-se amiga de Lola, “bem mais velha que eu, à primeira vista parecia gorda, de tanta roupa vestida, uma por cima da outra ... Era uma ruína, pobrezinha, pensei, até encará-la e perceber o brilho vivo, curioso e esperto dos olhos azuis ... Ela estava muito viva e limpa, cheirando a sabão, apesar de tantas camadas de roupa” (REZENDE, 2014, p.195). O vislumbre de certa semelhança entre Alice e Lola, ao mesmo tempo que a assusta, é o que lhe passa a conferir um sentimento de pertencimento à cidade: “Andar com Lola dava-me direitos de cidadania pelas ruas, assimilavam-me como uma a mais entre eles, e eram tantos!, aves migrantes de todas as espécies, perdidas do bando, cansadas ou extraviadas a meio do caminho, esperando sob sol, chuva e sereno a volta do bando que as resgate” (REZENDE, 2014, p.238).

Lola, Arturo, Penha, Giggio, Catarina, todos cruzam a jornada de Alice e, a cada novo encontro, a cada nova troca, dão-lhe um pouco mais de Porto Alegre: “Deixei a Lola pra lá e parti pro Campo da Tuca, seguindo as dicas da Penha, fácil de lembrar porque boa parte eu já conhecida, a Bento, descer perto da PUC, Vila João Pessoa” (REZENDE, 2014, p.199). Ao fim



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

dos seus quarentas dias nas ruas de Porto Alegre, Alice começa a vislumbrar uma familiaridade já parte do seu processo de reterritorialização identitária:

Continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade, explorando livremente todas as brechas, quase invisíveis pra quem vive na superfície, pra cá e pra lá, às vezes à tona e de novo pro fundo, rodoviária, vilas, sebos e briques, alojamentos, pronto-socorro, portas de igrejas, de terreiros de candomblé, procurando meus iguais, por baixo dos viadutos, das pontes do arroio Dilúvio, nas madrugadas, sobrevivente, sesteando nas praças e jardins, debaixo dos arcos e marquises, sob as cobertas das paradas de ônibus desertas, vendo o mundo de baixo pra cima, dos passantes, apenas os pés. (REZENDE, 2014, p.235)

Assim, Alice sai para a rua em um estado de completa desconexão com Porto Alegre, mas lá encontra exatamente este senso de familiaridade antes inexistente quando estava dentro de casa. Na geografia de Alice, a rua, o espaço mais improvável para uma senhora nordestina de classe média, se transforma em lugar de acolhimento, o oposto do que o apartamento em Porto Alegre significa para ela. No dia em que decide terminar aquela vida transitória, já nem se “lembrava direito por onde nem por que tinha começado” (REZENDE, 2014, p.241). É como se um processo de cura tivesse iniciado, dissolvendo a dor em algo novo, bruto, pronto para ser recomeçado com a volta para casa: a escrita de um diário relatando a sua experiência na rua, a maneira que Alice utiliza para organizar o desmantelo do deslocamento e reimaginar a sua chegada a Porto Alegre, que parecia agora pronta para se realizar.

A figura do estrangeiro, quando colocada em contato com o grupo do “nós”, se transforma no que KRISTEVA (1994) chama de um sintoma psicológico e político. No primeiro, o estrangeiro mostra “a nossa dificuldade de viver com o *outro* e com os outros” (KRISTEVA, 1994, p.108, grifo da autora). Já enquanto sintoma político, a pessoa em condição de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

estranheidade “assinala os limites dos Estados-nações e da consciência política nacional que os caracteriza e que todos nós interiorizamos profundamente, ao ponto de considerar como normal que existam estrangeiros” (KRISTEVA, 1994, p.108). Mas Alice vai além ao assinalar que estes limites são também existentes a nível regional e informam consciências políticas não só nacionais, bem como locais. Em termos de identidade nacional, o que significa, para o sulista do Brasil, caracterizar os nordestinos como brasileirinhos? Como são imaginadas as ideias de nação e de identidade nacional quando o regional se impõe ao nacional, e a pertença extrapola conceitos oficializados na teoria, mas não na prática? O estrangeiro enquanto sintoma torna a ideia do “nós precisamente problemático, talvez impossível”, diz KRISTEVA (1994, p.9).

Nesse contexto de manifestação da estraneidade de forma simbólica e subjetiva, quando a condição de estrangeiro começa e quando ela termina? Para KRISTEVA (1994, p.204), a chave está em se pensar que “cada um está destinado a permanecer o mesmo e o outro: sem esquecer a sua cultura de origem, mas relativizando-a a ponto de fazê-la não somente se avizinhar, mas também se alternar com a dos outros”. Não sabemos o que acontece a Alice ao regressar para o apartamento de Porto Alegre: se inicia a construção de uma vida no Sul; se realiza sua mudança de volta para João Pessoa; se se reagrupa à filha ou busca novas relações; se se reinventa enquanto mãe, avó, nordestina. O que sabemos é que sua experiência de chegada e reterritorialização passa por aceitar a sua condição de estraneidade, investigar todas as rachaduras que esta condição coloca ao seu senso de identidade e dar sentido à sua perda através da escrita. Sobretudo, sabemos que a protagonista inaugura uma nova ideia de felicidade para si, a felicidade “entre fuga e origem”, como caracteriza KRISTEVA (1994, p.12) “um limite frágil, uma homeostase provisória”. É só partir da aceitação deste local de felicidade fugaz e móvel que



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Alice pode voltar “à superfície ainda por explorar” da cidade de Porto Alegre, que agora passa a ser um pouco sua também (REZENDE, 2014, p.245).

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, Adriana Fátima Barbosa. *Migrantes nordestinos na literatura brasileira*. 2006. 192fs. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BERND, Zilá. Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* n. 30, p.89-97, 2011.

BEZERRA, Ligia. Alice no país das rachaduras: consumo em *Quarenta dias* de Maria Valéria Rezende. *Luso-Brazilian Review* n. 57, p.117-134, 2020.

COELHO, Tiago da Silva. *Migração nordestina no Brasil varguista: Diferentes olhares sobre a trajetória dos retirantes*. 2012. 160fs. Dissertação (Mestrado em História) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FERRARI, Monia de Melo. *A migração nordestina para São Paulo no segundo Governo Vargas (1951-1954) – Seca e desigualdades regionais*. 2005. 169fs. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Federal de São Carlos, 2005.

HERMES, Ernani Silverio; PORTO, Ana Paula Teixeira. Uma leitura da memória em *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende. *Novos Olhares*, p. 218-229, 2017.

JORDÃO, Paula. From diaspora to nomadic identity in the Work of Lispector and Felinto. *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* v. 11, n. 3, 2009.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

LUCENA, Sarah Catão de. *A identidade feminino-nordestina na obra de Maria Valéria Rezende*. 2019. 275fs. Tese (Mestrado em Línguas Românicas) — University of Georgia, 2019.

MALEMBE. 18 ago 2017. *Revista Malembe entrevista a escritora Maria Valéria Rezende*. Disponível em: <
<https://senhoradaspalavrasblog.wordpress.com/2017/08/18/revista-malembe-entrevista-a-escritora-a-maria-valeria-rezende/>>. Acesso em 17 abr 2021.

MORAES, Ricardo Gaiotto de. A paixão de Clara e Alice: resistência e desejo no romance *Quarenta Dias* (Maria Valéria Rezende, 2014) e no melodrama *Aquarius* (Kléber Mendonça Filho, 2016). *Revista AdMIRA* n. 5, p. 121-134, 2017.

MOURA, Helder. *Escritora Maria Valéria recebe título de cidadã paraibana*. Disponível em: <
heldermoura.com.br/escritora-maria-valeria-recebe-titulo-de-cidada-paraibana/>. Acesso em 25 maio 2018.

NETO, Lira. *A novíssima literatura cearense*. Disponível em: <
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/lira-neto/a-novissima-literatura-cearense-1.3057123>>. Acesso em 17 abr 2021.

NEVES, Ana L. M. Souza; MELO, Bruno Santos. A representação da velhice em *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende. *Letras Raras* v. 7, n. 1, p. 122-147, 2018.

RESENDE, Beatriz Vieira de; DAVID, Nismária Alves. A cidade e a escrita do corpo em *Quarenta Dias*. *Contexto* n. 30, p. 6-30, 2016.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2014.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SANT'ANA, Renata Cristina. Os sem-lar: uma leitura do sujeito deslocado na obra *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende. *Anais Abralic*, p. 2204-2215, 2016.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

---. O sujeito migrante, a mulher e a rua: um estudo sobre a representação da relação entre identidade e espaço na literatura brasileira contemporânea. *Anais Abralic*, p. 2526-2533, 2017.
SANTINI, Juliana. 'Um lugar fora de lugar': a mulher e o sertão em Maria Valéria Rezende. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 55, 2018.

SCHWARCZ, Lilia. 12 set 2019. *Díaspóra nordestina e a construção do Brasil*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IdGd9vDEltA>>. Acesso em 16 abr 2021.

STOLL, Daniela Schrickte. A resignificação do conceito de lar em *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende. *Macabéa* v. 8, n. 1, 2019.

VEDOVATTE, Vanessa Germanovix. Flâneuserie e a caminhada de autoconhecimento na obra *Quarenta Dias*. *Brasil e França: Laços Literários*, p. 136-143, 2018.

VIANNA, Oliveira. 1924. *Impressões de São Paulo*. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em 20 março 2019.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades